



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69  
2017

---

ENCONTRO  
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA  
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

---





# O POVOADO CALCOLÍTICO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA) NOTAS SOBRE AS CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO DE 2017 E 2018

---

Andrea Martins<sup>1</sup>, César Neves<sup>2</sup>, José Morais Arnaud<sup>3</sup>, Mariana Diniz<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / FCT / Associação dos Arqueólogos Portugueses / andrea.arte@gmail.com

<sup>2</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses / UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / c.augustoneves@gmail.com

<sup>3</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses / jemarnaud@gmail.com

<sup>4</sup> UNIARQ – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / m.diniz@fl.ul.pt

## Resumo

Em 2016 a Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) e investigadores da UNIARQ – FLUL iniciaram um projecto de investigação para o povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) intitulado “Vila Nova de São Pedro, de novo no 3º milénio – VN3000”, tendo realizado, em 2017 e 2018, as duas primeiras campanhas de campo. Nestes dois primeiros anos foram realizadas actividades muito diversas, desde acções de Arqueologia Pública, recolhas de memória oral e apresentações científicas, em contexto nacional e internacional, bem como trabalhos de campo que consistiram no reconhecimento de estruturas pétreas e novas sondagens em locais específicos.

Neste artigo serão apresentados resultados dos trabalhos de campo realizados nos dois primeiros anos do projecto, nomeadamente as novas áreas intervencionadas.

Este trabalho corresponderá, também, à primeira publicação, com contextos de proveniência fidedignos, de datações absolutas desde icónico povoado calcolítico, 66 anos depois da primeira tentativa levada a cabo por Afonso do Paço.

**Palavras-chave:** Vila Nova de São Pedro, Calcolítico, Estruturas, Datações absolutas.

## Abstract

In 2016, the Association of Portuguese Archaeologists (AAP) and UNIARQ – FLUL started a research project “Vila Nova de São Pedro, again in the 3<sup>rd</sup> millennium – VN3000”, for the Chalcolithic settlement of Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal), with the aim of valorizing, through scientific knowledge, an archaeological site with a great prominence in the historiographic development of the Portuguese archaeology.

In the first years of the project, a very diverse number of activities were carried out: Public Archaeology; collection of oral memory from former workers of VN3000; scientific presentations; archaeological fieldwork that consist in the identification and record of the existing structures and test pits in specific places.

In this paper will be presented the main results of the fieldwork (2017 and 2018 campaigns), specifically in the new excavation areas that introduce several issues never approached before.

This work will also be the first publication of radiocarbon dates for this iconic Chalcolithic settlement, 66 years after the first attempt by Afonso do Paço.

**Keywords:** Vila Nova de São Pedro, Chalcolithic, Domestic features, Absolute dates.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo corresponde à apresentação dos trabalhos de campo realizados nos dois primeiros anos do projecto **Vila Nova de São Pedro, de novo no 3º milénio – VNSP3000**, que se encontra estruturado em diversas linhas de acção (Arnaud *et al*, 2017; Diniz *et al.*, 2017). Este projecto da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de responsabilidade científica dos signatários, aprovado pela Direcção Geral do Património Cultural – (DGPC), conta com o apoio do Município da Azambuja e da União das Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa.

Os resultados aqui apresentados são uma compilação e discussão dos dados entregues à tutela, sob a forma de relatórios anuais do Projecto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA), documentos estes já aprovados.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL E ÁREAS ENVOLVENTES: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E GEOLOGIA

O sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro (VNSP) localiza-se na parte nordeste do concelho de Azambuja, a cerca de 55 km a Norte de Lisboa, junto à localidade do mesmo nome, integrada na União de Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa (Figuras 1 e 2).

Localizado numa área planáltica a c.100m de altitude numa implantação claramente estratégica, com a toponímia a designar esta área como “Cabeço do Castelo”.

O sítio situa-se num promontório destacado na paisagem, definido a Ocidente pela ribeira de Almoester, a Norte e Este por uma linha de água, de menor expressão, que oferece condições naturais de defesa, com excepção do acesso Sul, pelo qual se faz, actualmente, o acesso ao sítio arqueológico.

Através do levantamento topográfico de por-

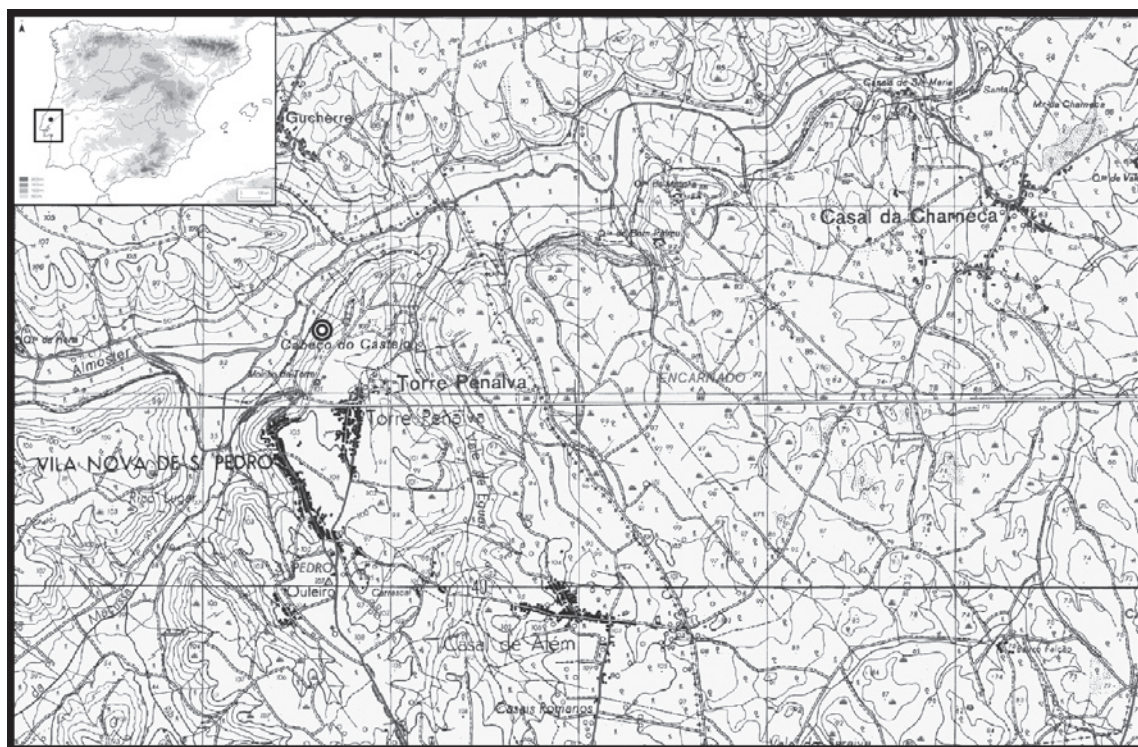


Figura 1 – Localização do sítio de Vila Nova de São Pedro na Carta Militar de Portugal (1:25.000), Folha n.º 352 (excerto e adaptado).



Figura 2 – Povoado de Vila Nova de São Pedro.

menor é possível, pela primeira vez, visualizar a implantação do povoado<sup>1</sup>, circunscrito a Norte e Este por bancadas calcárias que limitariam a progressão no terreno, e que terão funcionado também como elementos defensivos (Figura 3). Esta localização num *plateau* elevado possibilita, igualmente, excelentes condições de visibilidade em todas as direcções, tendo, na linha do horizonte, a Norte o

<sup>1</sup> Esta planta topográfica da área de Vila Nova de São Pedro representa com elevada precisão e detalhe a morfologia da área envolvente povoado. A informação geográfica apresentada foi levantada com recurso a LIDAR aéreo e fotogrametria de curta distância, adquiridos por drone, em parceria com as empresas AtlanticLand e FlyGIS. As nuvens de pontos e modelações 3D obtidas, sobre as quais se criou esta planta topográfica, correspondem a um detalhado e preciso registo topográfico tridimensional da área, à data do levantamento. Além de serem, segundo o estado da arte, os métodos mais precisos e realistas para o registo do património, são uma excelente base para os trabalhos arqueológicos e permitem ainda, por comparação com dados futuros, fazer uma análise muito detalhada da evolução do estado de conservação deste sítio arqueológico.

maciço da Serra de Aires e Candeeiros e, a Oeste, e como elemento dominante no território, a Serra de Montejunto.

Segundo Suzanne Daveau, a ribeira de Almoester seria, ainda no Sub-boreal, à data da ocupação de Vila Nova de São Pedro, e por efeito da transgressão flandriana, uma via de comunicação por excelência, pela qual se chegaria ao paleoestuário do Tejo (e vice-versa), lugar de captação de recursos de distinta natureza, fundamentais ao quotidiano socioeconómico destas comunidades (1980, p. 32-35). No entanto, não foram até ao momento realizadas, na ribeira de Almoester, análises que permitam, como em outras áreas (e.g., Cabral *et al.*, 2016; Stevenson e Passmore, 2007), reconstituições detalhadas da evolução holocénica deste vale, lacuna de informação que se procurará corrigir em trabalhos futuros.

Em termos geológicos, o substrato é constituído por calcários do Miocénico – Pontiano. A área específica onde se implanta o sítio corresponde aos



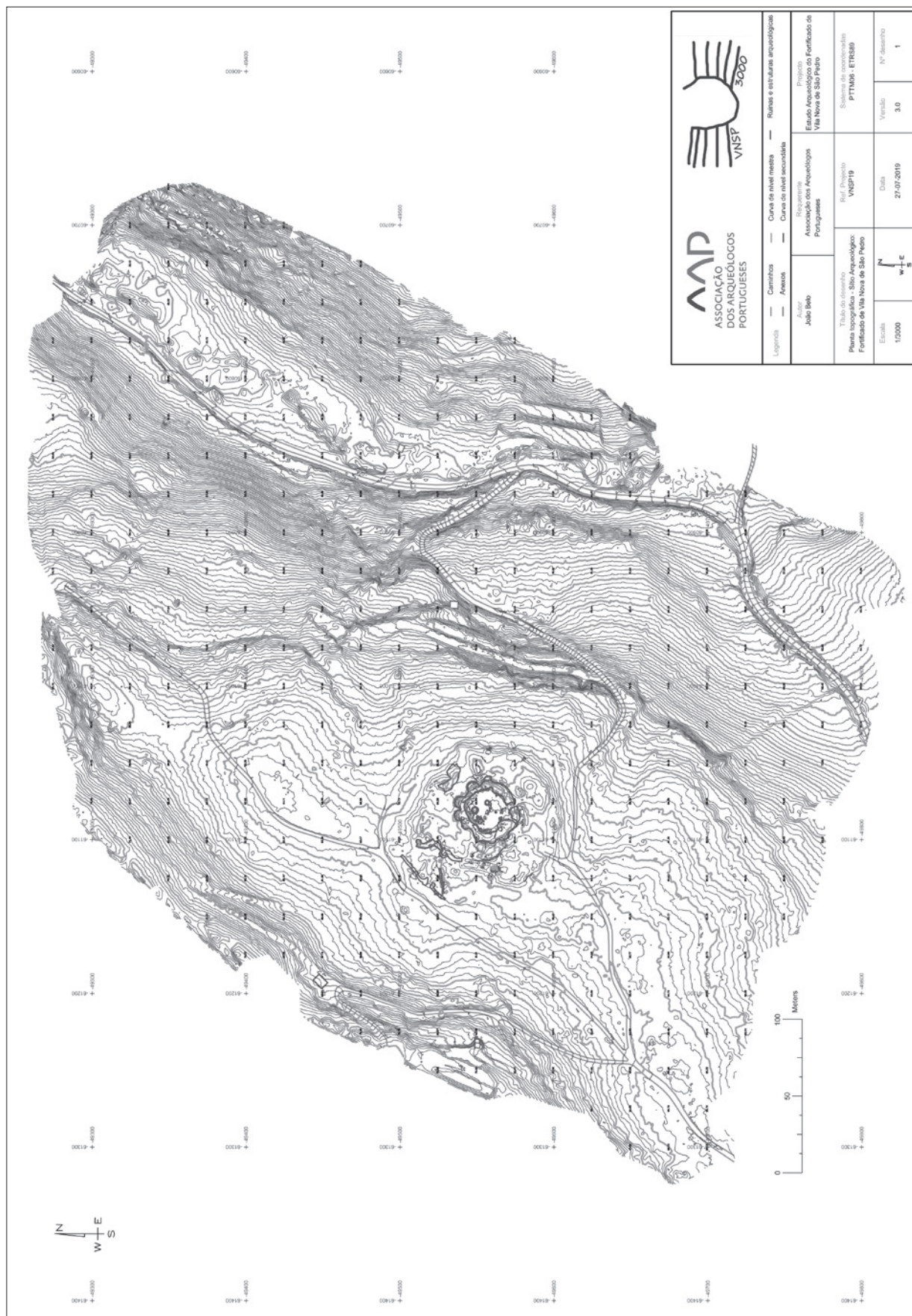




Figura 3 – Planta topográfica da área onde se implanta o povoado de Vila Nova de São Pedro (Levantamento efectuado pelo projecto VN3000).

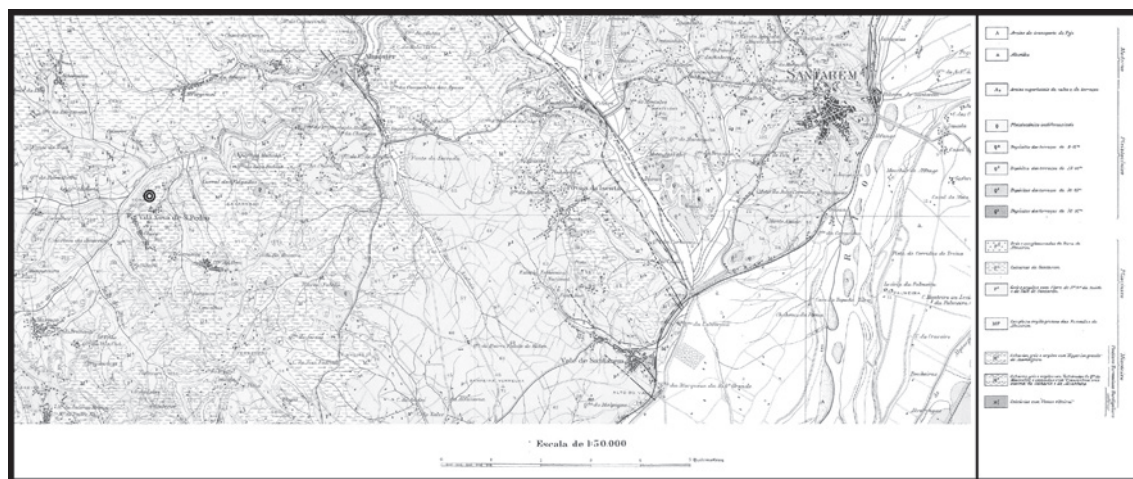


Figura 4 – Localização do povoado de Vila Nova de São Pedro na Carta Geológica de Portugal – 31-A 1:50 000.

calcários, grés e argilas com *Hipparion gracile* de Azambujeira, mais especificamente aos Calcários de Almoester, com moluscos terrestres e moluscos de água doce (Zbyszewski, 1953). Além dos calcários de bancada, surgem “calcários macios ou tufos que se deixam cortar com maior facilidade” (*Idem*, 1953, p.14), numa característica que pode ter sido decisiva na implantação e desenvolvimento do povoado. (Figura 4).

### Lapiás e Algares

Durante a escavação da Sondagem 1, Área 3, verificou-se que a rocha de base correspondia a uma bancada de calcário, integrada nos “calcários de Almoester” (Barbosa, 1995), na qual se formaram lapiás, hoje bastante fragmentados. Neste local, foi também identificada uma entrada de algar, percebendo-se, pela primeira vez, que o morro onde se implanta o povoado pré-histórico corresponde a um pequeno sistema cársico que, para além da parte fóssil do topo, apresenta várias entradas e exurgências activas na base da formação carbonatada. No caso de VN3000, uma dessas exurgências corresponde à “nascente”, na vertente Este e

ainda utilizada actualmente, podendo observar-se, no seu corte, a passagem gradual para uma fácies mais argilosa, que serve de base ao nível de escoamento freático.

A presença das exurgências activas durante todo o ano implica que exista necessariamente um reservatório/sala de média ou grande dimensão, onde a água se encontra armazenada, sala que fará parte de uma rede de galerias mais ou menos extensas. Apesar das entradas se encontrarem actualmente colmatadas, a identificação do algar na Sondagem 1, da Área 3, leva-nos a supor a existência de um nível cársico mais antigo a cotas superiores, actualmente abandonado, e uma rede de galerias freáticas, com escoamento activo para SE, à qual provavelmente também está associada a denominada “cisterna” existente no interior do reduto central do povoado.

Estas hipóteses, construídas a partir de observações de terreno e debate com os investigadores e colaboradores do projecto VN3000 Nuno Pimentel, Patrícia Jordão, Pedro Souto e Filipa Rodrigues, deverão ser testadas em futuros trabalhos de campo.



### 3. CONDIÇÃO DO SÍTIO INTERVENCIONADO ANTES DO INÍCIO DOS TRABALHOS DE CAMPO

Em 2017, aquando do início dos trabalhos de terreno, toda a área conhecida correspondente ao sítio arqueológico de Vila Nova de São Pedro encontrava-se coberta por densa vegetação (carcascos), que impossibilitava a visualização integral das estruturas arqueológicas colocadas à vista durante longas campanhas de escavação (Figura 5). Observaram-se também algumas estruturas danificadas por acções intrusivas humanas, ou como resultado de bioturbação vegetal e animal.

No sítio, entre a 1ª e 2ª linha de muralhas, reconheceram-se, de imediato, pequenas elevações no terreno que corresponderão aos montes de crivagem ou despejos de terra formados durante as campanhas dirigidas por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço. De igual modo, na parte exterior do reduto central e junto às muralhas, surgem profundas depressões, que correspondem às áreas

sucessivamente escavadas por A. Paço, para visualizar toda a extensão de muralha. Em algumas áreas do povoado, observa-se à superfície a presença de acumulações de fragmentos cerâmicos (geralmente bojos lisos) e de fauna, que resultarão da estratégia selectiva de recolha de materiais preconizada e justificada por A. Paço (Paço, 1943, p.21). Tal como hoje, a gestão e armazenamento de espólio era uma questão complexa, sendo o “descarte” aqui efectuado como medida imediata, impedindo o conhecimento de uma parte significativa da realidade arqueológica.

Foram também identificadas, e registadas fotograficamente, as áreas do povoado alvo de restauro e consolidação, em 1983, por Humberto Oliveira e O. Veiga Ferreira (Oliveira e Ferreira, 1990). Estes locais, devidamente sinalizados na publicação existente, continuam bem visíveis, assim como os diversos moroiços ou acumulações de pedras colocados a Sudeste, na parte exterior do talude que corresponderá à continuação para Este da segunda linha de muralha.



Figura 5 – Imagem aérea do povoado de Vila Nova de São Pedro em Abril de 2017 – antes da limpeza e desmatização (imagem: João Pimenta).



#### **4. METODOLOGIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS**

Em 2017, ao serem reiniciados os trabalhos de campo, num sítio arqueológico de grande dimensão e tão intervencionado como VNSP, foram atribuídas designações a diferentes áreas:

- **Área 1** – área escavada por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay compreendendo o reduto central e o espaço entre a primeira e a segunda linha de muralha;
- **Área 2** – área entre a segunda e a terceira linha de muralha onde foram realizadas as últimas sondagens, em 1985/86, por Victor S. Gonçalves;
- **Área 3** – sondagens realizadas no âmbito do projecto VN3000, em áreas exteriores à segunda linha de muralha e em zonas não intervencionadas anteriormente.

A designação das linhas de muralha já identificadas: primeira linha – reduto central; segunda linha – muralha intermédia; terceira linha – muralha exterior, não pressupõe qualquer atribuição cronológica a estas estruturas.

Cada sondagem enquadra-se na respectiva área com numeração sequencial, podendo ter numeração alfa-numérica caso ocorram alargamentos, ou seja necessário subdividir a sondagem face a realidades arqueológicas específicas.

##### **Limpeza de mato**

Nos trabalhos de limpeza do terreno, coberto em algumas áreas por densos carrascos, foram utilizados meios mecânicos, manobrados por profissionais devidamente creditados, bem como meios manuais, em trabalhos mais pormenorizados, como a limpeza das estruturas arqueológicas.

##### **Escavação e Registo**

O processo de escavação da sondagem arqueológica realizada seguiu os princípios genéricos da escavação em Área Aberta, ou Barker-Harris, seguindo as unidades estratigráficas (U.E.) naturais, o que pressupõe a escavação de depósitos, estruturas ou interfaces arqueológicas, seguindo uma ordem

inversa ao seu processo de formação (Harris, 1991).

A cada unidade estratigráfica foi atribuído um número sequencial, tendo em conta a área e quadrícula onde se encontra. Todas as unidades estratigráficas foram registadas através do preenchimento de uma ficha de U.E. pré-definida.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram individualizados em sacos e identificados por áreas de escavação, quadrícula, U.E., coordenadas tridimensionais e categoria artefactual (cerâmica, pedra lascada, pedra polida, pedra afeiçãoada, fauna, metalurgia, assim como outros elementos diferenciadores, que permitam melhor contextualizar a estrutura ou o depósito em escavação). A cada saco foi atribuído um número sequencial, inscrito e registado na respectiva ficha de registo de unidade estratigráfica e de material arqueológico.

Todas as unidades estratigráficas foram registadas graficamente, tendo sido também realizado o seu registo fotográfico, topográfico e respectiva geo-referenciação. A informação recolhida durante a intervenção ficou documentada em caderno de campo, que será depositado no Arquivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

##### **Tratamento preliminar de materiais**

Concluídos os trabalhos de terreno, foi já em gabinete, informatizada toda a documentação de campo, tendo-se realizado um estudo preliminar da fauna e dos materiais arqueológicos recolhidos.

Os materiais arqueológicos foram inventariados seguindo determinados critérios de descrição do espólio, tendo em conta as suas diversas categorias, estando guardados no depósito de materiais da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Museu Arqueológico do Carmo. Os inventários de materiais fazem parte dos anexos do relatório entregue anualmente à tutela.

#### **5. CAMPANHA DE 2017**

Os trabalhos de campo realizados no âmbito do Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATA), para 2017 tinham como principais objectivos:

- limpeza e desmatção da área central do povoado e dos troços de linhas de muralhas perceptíveis. Estes trabalhos seriam o menos intrusivo possível, tendo como objectivo apenas a remoção dos elementos vegetais de maiores dimensões, bem como recolha de lixo existente na área;
- identificação a partir da revisão da bibliografia publicada e dos primeiros dados de campo, de áreas de maior potencial arqueológico, para abertura de sondagens de diagnóstico, tendo em vista a caracterização da complexa estratigrafia do sítio e o desenvolvimento de um programa de datações absolutas.

### **5.1. Equipa, calendarização e meios utilizados**

A direcção dos trabalhos arqueológicos foi programada em regime de co-responsabilidade por Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves e José Morais Arnaud, tendo esta equipa participado, em simultâneo, em todos os trabalhos de campo realizados.

A restante equipa de campo foi constituída pelos arqueólogos Nireide Tavares, Rafael Lima e Hugo Morais, bem como pelos alunos de licenciatura em Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Adriana Jesus, Filipa Dimas, João Silva, Marco Tomé, Melissa Portelinha, Tomé Costa e Pedro Brum da Silveira (História da Arte). A equipa foi reforçada pelo Sr. Carlos Vicente e Sr. Paulo, que tiveram responsabilidades específicas na limpeza e desmatção das áreas intervencionadas, devidamente coordenados e acompanhados por um dos arqueólogos responsáveis.

A implantação georreferenciada da sondagem arqueológica ficou a cargo do topógrafo da Câmara Municipal da Azambuja. No final da 1ª campanha, foram feitas imagens de fotografia aérea a cargo de Pedro Souto (Crivarque, Lda.).

Os trabalhos decorreram entre os dias 3 e 21 de Julho de 2017, num total de três semanas, 15 dias de trabalho efectivo, com as primeiras duas semanas mais focadas nos trabalhos de limpeza do sítio arqueológico. A partir do dia 10 de Julho iniciaram-se os trabalhos de escavação da Sondagem 1, Área 3, mantendo-se em simultâneo as acções de limpe-

za e desmatção do reduto central da fortificação.

Na sondagem arqueológica, atendendo à natureza da sua intervenção, os trabalhos de campo implicaram o uso de material adequado a uma escavação manual e registo gráfico dos perfis e plantas, quer sob a forma de desenho, quer de fotografia. As imagens aéreas foram captadas através de drone. Procedeu-se à crivagem a seco de todos os sedimentos em crivo com malha de 0,3 cm. Parte do sedimento foi recolhido para futura flutuação e crivagem em laboratório.

### **5.2. Limpeza e desmatção do sítio arqueológico**

No início dos trabalhos de campo o sítio arqueológico encontrava-se coberto por uma exuberante e muito densa vegetação, constituída principalmente por carrascos, que impossibilitavam a visualização das áreas anteriormente escavadas e das linhas de muralhas. Com esta cobertura vegetal tornava-se praticamente impossível reconhecer e localizar o sítio arqueológico a partir da estrada de acesso, vinda das povoações Vila Nova de São Pedro/Torre Penalva.

Além de impossibilitar a correcta visualização das estruturas, a acção das raízes dos carrascos é visivelmente nociva para as estruturas pétreas, levando à sua desagregação e desmonte progressivo. Por estas razões tornava-se imperativo limpar este sítio arqueológico, possibilitando o acesso, visualização e compreensão das estruturas existentes, procurando, em simultâneo, contrariar o papel destrutivo destes arbustos (Figura 6).

No final desta acção de limpeza, que decorreu continuamente durante as três semanas, foi possível visualizar as estruturas que compõem o reduto central, e parcialmente a segunda linha de muralhas (Figura 7). Esta desmatção mostrou-se particularmente difícil na segunda linha de muralhas, pois devido à existência de muitas pedras (a própria muralha) os meios mecânicos não são adequados sendo o corte dos carrascos totalmente manual. No final da campanha de 2017 ficou assim por limpar toda a área a Norte e Este, na zona em torno da segunda linha de muralhas.





Figura 6 – Trabalhos de desmatção da área do reduto central.



Figura 7 – Imagem aérea do povoado de Vila Nova de São Pedro em julho de 2017 – depois da limpeza e desmatção (imagem – Pedro Souto).

### 5.3. Sondagem 1, Área 3

Foi implantada uma sondagem de 4x6m na vertente Este do sítio arqueológico, numa zona que poderia corresponder à área da segunda linha de muralha. O objectivo desta sondagem, implantada sobre o talude, era a compreensão do desenvolvimento das estruturas nesta vertente que, tendo em conta a bibliografia existente, não teria sido significativamente intervencionada durante as campanhas do Afonso do Paço.

A escavação iniciou-se no dia 10 de Julho, tendo terminado no dia 21 de Julho, correspondendo a 10 dias úteis de escavação (Figura 8). No final dos trabalhos, a área intervencionada ficou coberta com manta geo-têxtil.

#### 5.3.1. Sequência estratigráfica:

A sequência estratigráfica identificada em 2017 foi a seguinte:

[301] – Depósito – Sedimento de matriz areno-argilosa, de coloração castanha e semi-compacto. Apresenta bastantes elementos vegetais

(raízes), bem como material pétreo de calcário de pequena e média dimensão. Na área Este da sondagem (plataforma inferior do talude), apresenta bastantes raízes de grande dimensão e uma maior concentração de blocos pétreos. Surgem alguns materiais arqueológicos: cerâmica comum muito fragmentada e alguma fauna mamalógica. Cobre a [304] e [305].

[302] – Possível estrutura pétreo formada por diversos blocos pétreos de calcário de média e grande dimensão, localizados a meio da vertente, de disposição horizontal e paralelos ao talude.

[303] – Possível estrutura pétreo formada por alguns blocos pétreos de média dimensão, dispostos numa posição semi-circular, a meio da vertente. Encosta à [302].

Após a definição dos elementos pétreos verificamos que se trata de apenas uma estrutura, sendo a [302] e a [303] apenas uma unidade estratigráfica – [303=302].



Figura 8 – Aspecto dos trabalhos de escavação da sondagem 1 da área 3.



[304] – Depósito – Sedimento de matriz areno-siltosa, de coloração castanho-amarelada, semi-compacto, com alguns elementos pétreos de pequena dimensão e poucos elementos vegetais. Localiza-se na plataforma de topo da sondagem – Oeste, desenvolvendo-se pela vertente do talude. Surgem bastantes materiais arqueológicos: cerâmica comum lisa, indústria lítica (ponta de seta, lascas, lamela), fragmento de machado de pedra polida, fragmento de “ídolo de cornos”, queijeiras, fragmentos de cerâmica com decoração de folha de acácia e abundante fauna mamalógica (muito fragmentada), e alguma fauna malacológica.

Esta UE não foi integralmente escavada. Encosta à [302] e [305] e cobre a [306].

[305] – Depósito – Sedimento de matriz humosa-arenosa, muito orgânica, de coloração castanha-escura, solta, com algumas zonas mais semi-compactas, com abundantes elementos pétreos de calcário de pequena e média dimensão e bastantes elementos vegetais (raízes). Localiza-se na plataforma inferior da sondagem Este, após o talude de vertente. Surgem bastantes materiais arqueológicos: cerâmica comum lisa, cerâmica campaniforme, queijeiras, um fragmento de peso de tear, indústria lítica (lâmina e restos talhe), abundante fauna mamalógica e malacológica.

Na base da vertente – plataforma inferior, surgiram grandes blocos pétreos de calcário, que se encontravam imbrincados uns nos outros e colmatavam a entrada de um pequeno algar. Surge a bancada calcária [307] a Norte e a Sul, e na zona central foi identificado uma abertura natural, cuja entrada tem à superfície 40 cm de largura por 70 cm de comprimento, mostrando ter cerca de 2m de profundidade. O sedimento que envolvia os blocos pétreos que colmatavam a entrada do algar foi integralmente recolhido. A [305] não foi totalmente escavada. Cobre a [307] e encosta à [302] e [304].

[306] – Depósito – Unidade estratigráfica iden-

tificada na plataforma superior da sondagem – topo Oeste, caracterizada pela coloração distinta da [304], surgindo assim um sedimento castanho-escuro. Não se iniciou a escavação desta unidade.

Coberta pela [304].

[307] – Substrato geológico – bancada calcária. Identificado na plataforma inferior – Este – da sondagem.

## 6. A CAMPANHA DE 2018

No que diz respeito aos trabalhos de campo preconizados no âmbito do PATA, para 2018, os principais objectivos foram os seguintes:

- limpeza e desmatação da área entre a 2ª e a 3ª linha de muralhas. Estes trabalhos seriam o menos intrusivo possível, tendo como objectivo a remoção dos elementos vegetais que cobrem as realidades arqueológicas;
- após a avaliação e revisão da informação publicada, juntamente com as observações recolhidas com a limpeza, poderiam ser projectadas novas sondagens de diagnóstico, em pontos seleccionados;
- continuar a escavação da Sondagem 1, Área 3, alargando a mesma para Este e Oeste.

### 6.1. Equipa, calendarização e meios utilizados

A direcção dos trabalhos arqueológicos foi programada em regime de co-responsabilidade por Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves e José Morais Arnaud.

A restante equipa de campo foi constituída pelos arqueólogos e alunos de Mestrado em Arqueologia Cátia Delicado, Cátia Neto, Daniel Carvalho, Jaime Carvalho, Manuel Navas, Rafael Lima e Salomé Ribeiro, bem como pelos alunos de licenciatura de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa Ana Francisco, Artur Mateus, David Lago, Diogo Varandas, Filipa Dimas, Frederico Agosto, João

Gomes, João Silva, Marco Tomé, Rodrigo Dias, e Rute Moreira. A equipa foi reforçada pelo sr. Carlos Vicente, que teve responsabilidades específicas na limpeza e desmatção das áreas intervencionadas, devidamente coordenado e acompanhado por um dos arqueólogos responsáveis.

Os trabalhos decorreram entre os dias 2 e 27 de Julho de 2018, quatro semanas, num total de 20 dias de trabalho efectivo. Na primeira semana as acções focaram-se nos trabalhos de limpeza do sítio arqueológico e na continuação da Sondagem 1, Área 3. A partir do dia 9 de Julho iniciaram-se os trabalhos de escavação da Sondagem 1, Área 1, mantendo-se em simultâneo 3 áreas de intervenção: Sondagem 1, Área 1; Sondagem 1, Área 3; limpeza da área entre a 2ª e 3ª linha de muralhas;

Tal como na campanha de 2017, foram utilizados meios mecânicos e manuais na limpeza do terreno (Figura 9) e, nas sondagens arqueológicas, utilizou-se o material adequado para escavação manual.

Relativamente ao registo dos perfis e plantas, este ocorreu quer sob a forma de desenho, quer de fotografia, bem como a sua georreferenciação (realizada por Pedro Souto – Crivarque). As imagens aéreas foram captadas através de drone.

Procedeu-se à crivagem dos sedimentos resultantes das Unidades Estratigráficas superficiais e/ou remexidas em crivo seco, com malha de 0,3 cm. Parte do sedimento resultante da escavação de todas as Unidades Estratigráficas foi guardado para futura flutuação e crivagem em laboratório.

## **6.2. Limpeza e desmatção do sítio arqueológico**

No início dos trabalhos de campo de 2018 o povoado de Vila Nova de São Pedro encontrava-se coberto por uma exuberante e muito densa vegetação nas áreas ainda não desmatadas, sendo que no reduto central e área até à segunda linha de muralhas, a vegetação mais forte (os carrascos), estava mais re-



Figura 9 – Trabalhos de limpeza e desmatção mecânica e manual na área exterior à segunda linha de muralha.



duzida em resultado dos trabalhos de desmatção de 2017. A existência de uma densa concentração de carrascos na parte exterior da 2ª linha continuava a impossibilitar o reconhecimento do sítio arqueológico desde a estrada de acesso, bem como a visualização de outras estruturas.

Nesta campanha os trabalhos centraram-se na desmatção da área exterior à segunda linha de muralha, a Norte, Este e Noroeste, área densamente coberta por carrascos e arbustos de médio porte. Esta desmatção apenas foi possível graças ao apoio dos Bombeiros Sapadores da Azambuja, que manualmente cortaram os arbustos de maiores dimensões, acção que a maquinaria não conseguia realizar. Posteriormente, em áreas específicas, foi usada uma escarificadora, seguida de remoção manual da matéria vegetal pela equipa de arqueologia. Foram retiradas 6 toneladas de carrascos e vegetação, devidamente recolhidas e processadas pelos funcionários da Câmara Municipal da Azambuja.

No final desta acção de limpeza, que decorreu continuamente durante as quatro semanas, foi possível visualizar e registar estruturas que não eram perceptíveis há várias décadas, nomeadamente a terceira linha de muralha e a área da escavação das campanhas de 1985 e 1986, bem como outras estruturas pétreas nunca ilustradas (Figura 10).

### 6.2.1. Estruturas identificadas

#### a) A terceira linha de muralha

Junto ao limite Norte, paralela ao caminho de terra batida que circunda parte do povoado, foi colocada à vista a terceira linha de muralha, formada por blocos calcários de grande dimensão, afeiçoados, sendo o interior preenchido por blocos, igualmente em calcário, de pequena e média dimensão, estando apenas visível, sobre o sedimento, uma fiada de pedras. Esta estrutura tem, neste troço, uma configuração genericamente linear, com cerca de



Figura 10 – Imagem aérea do povoado de Vila Nova de São Pedro no final de Julho de 2018, visualizando-se em primeiro plano a terceira linha de muralha.



Figura 11 – Terceira linha de muralha localizada a Norte – aspecto dos trabalhos de limpeza manual.

75m de comprimento, e 1,50m de largura média (Figura 11).

Identificada por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, em 1943, apenas foi alvo de limpeza, descobrindo-se um traçado de 72m de extensão, formada por blocos de calcário de grande dimensão, com largura de 1,70m (Jalhay e Paço, 1945). No entanto, é cartografada, pela primeira vez, muito esquematicamente numa planta de 1951 (Paço e Costa Arthur, 1952), e posteriormente no levantamento de H. Savory, feito em 1959, mas apenas publicado em 1970 (Savory, 1970), de forma muito esquemática e sem o rigor empregue na restante planta da fortificação. Muito provavelmente, em 1959, a área limpa em 1943 já estaria novamente coberta por densa vegetação, sendo praticamente impercetível no campo o percurso desta estrutura. Curiosamente, em 1949, a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos

Nacionais efectuou um levantamento topográfico da área do povoado, estando cartografada a 3ª linha de muralha. No entanto, esta planta não foi utilizada por A. Paço ou por outros investigadores.

Verificamos que esta estrutura (3ª linha de muralha) está num estado de conservação razoável, tendo sido, aquando das campanhas de A. Paço, retirado sedimento junto das duas faces, para uma melhor definição das mesmas, formando pequenas valas laterais, mas que não foi atingido o substrato geológico. Um pequeno troço surge bastante danificado ou removido, podendo corresponder a uma das áreas de sondagens feitas em 1950, na 14ª campanha de Afonso do Paço, em colaboração com George e Vera Leisner cujo objectivo era “procurar o cemitério” de Vila Nova de São Pedro (Paço, 1954).

#### **b) As estruturas identificadas na escavação de 1985-86**

A Norte da 2ª linha de muralha foi também identificada, após a remoção da densa vegetação, a área intervencionada nas campanhas de 1985 e 1986 por Victor S. Gonçalves, cujas estruturas e respectivo levantamento topográfico não se encontram publicadas. Segundo as descrições do investigador e observando as poucas imagens publicadas (Gonçalves 1987; 1993; 1994), foi intervencionada uma área entre a 2ª e 3ª linhas de muralha, onde se identificaram dispositivos complementares, nomeadamente muros de compartimentação de espaço (Gonçalves, 1994: 49), não sendo referidos os materiais recolhidos ou áreas de escavação.

Com a desmatação e limpeza realizadas em 2018 foi possível identificar vestígios da área de escavação daquele arqueólogo, iniciando-se perto da face exterior da 2ª linha de muralha, seguindo um muro disposto obliquamente até à 3ª linha de muralha. Observa-se, assim, no terreno este grande muro de orientação Sudeste-Noroeste, que parece ligar as duas linhas de muralha, bem como alguns outros pequenos troços de muros perpendiculares (Figura 12). Tendo em conta os trabalhos realizados – apenas limpeza e desmatação – não foi possível



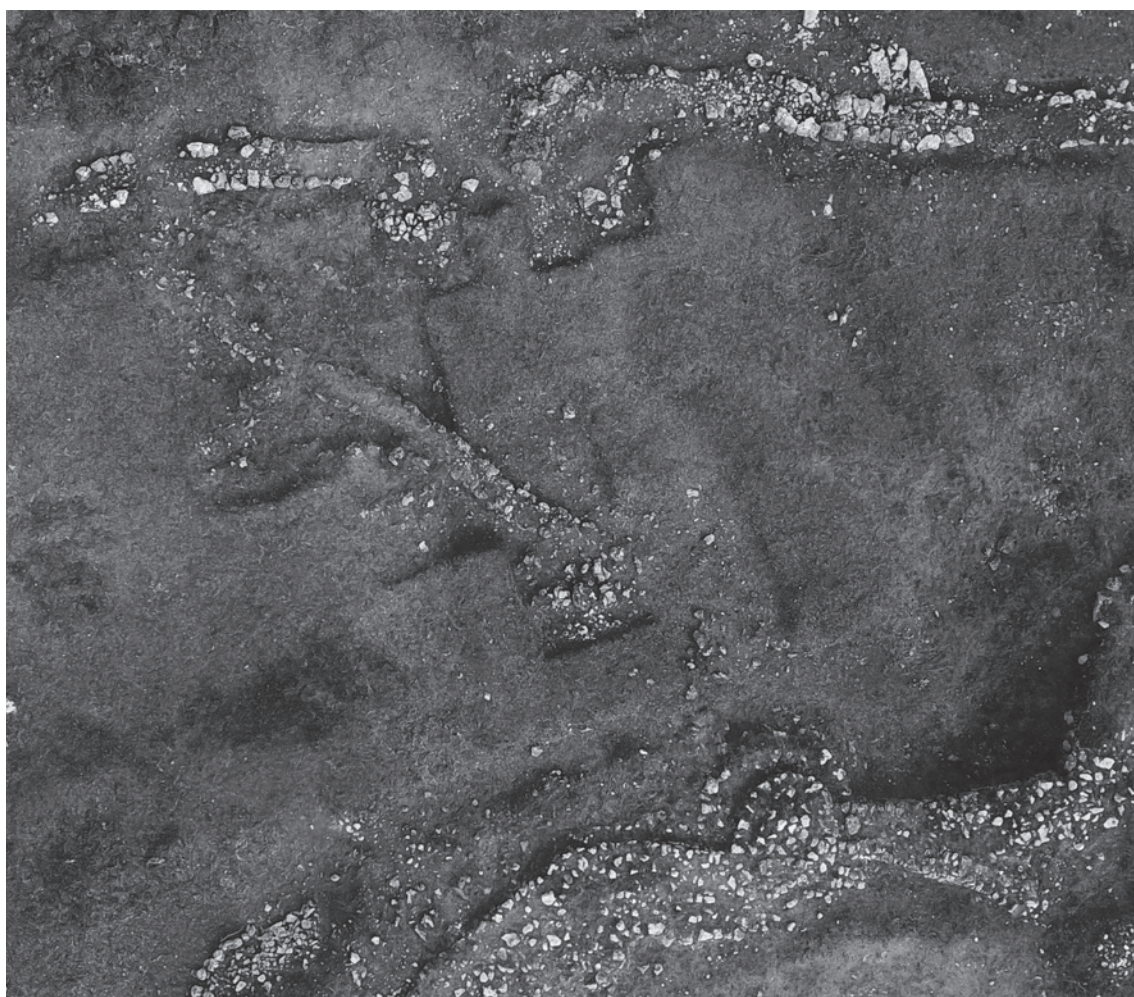


Figura 12 – Área intervencionada em 1985/86, visualizando-se estruturas pétreas, entre as linhas de muralha.

verificar se a área tinha sido intervencionada até ao substrato geológico.

### c) Outras estruturas pétreas

Os trabalhos de desmatização com meios mecânicos desenvolveram-se também na área a Oeste da 2ª linha de muralha, tendo sido identificadas estruturas não cartografadas ou apenas referidas anteriormente, como um possível bastião ou torre na área do actual acesso ao sítio, ou alinhamentos de grandes blocos pétreos ligados à segunda linha de muralha e com orientação Este-Oeste.

A Este do reduto central, numa área da plataforma superior, ou seja, interior à 2ª linha de muralha, foi identificada uma estrutura de formato semi-

-circular que corresponderá a uma descrição feita por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay na publicação relativa aos trabalhos da campanha de 1941 (Paço e Jalhay, 1942), mas apenas representada esquematicamente na planta de 1951 (Paço e Costa Arthur, 1952). Esta robusta estrutura, hoje muito desmantelada nalgumas áreas, é formada por blocos pétreos de média e pequena dimensão, e apesar da ausência aparente de continuidade para outros troços muralhados, pode estar relacionada com a segunda linha de muralha (Figuras 13 e 14). No futuro, importará desenvolver trabalhos de escavação neste espaço em particular, na procura de aferir o real estado de conservação, dimensão, orientação e restante traçado.



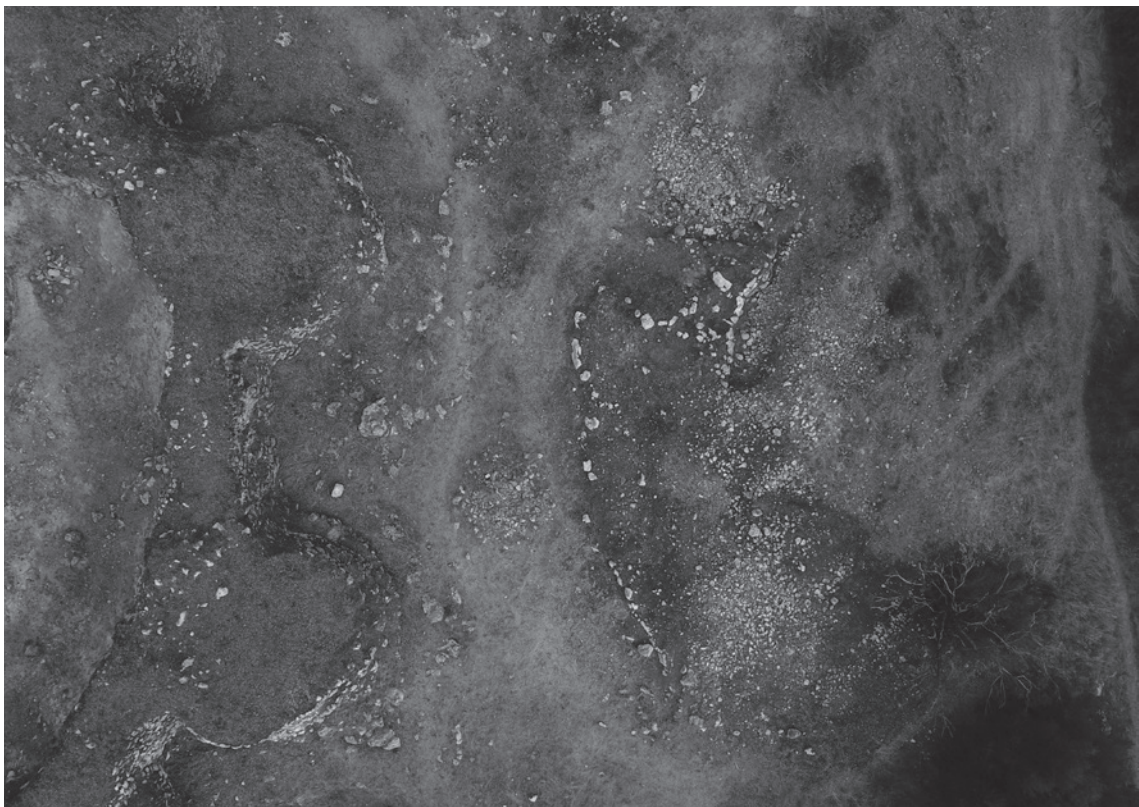


Figura 13 – Estrutura localizada a Oeste do reduto central de configuração semi-circular.



Figura 14 – Face externa da estrutura semi-circular identificada após os trabalhos de limpeza e desmatamento.



### 6.3. Sondagem 1, Área 3

A Sondagem 1 da Área 3 foi iniciada na campanha de 2017, tendo sido em 2018 ampliada para Este e Oeste, numa extensão de mais 24m<sup>2</sup>. Face aos contextos identificados e à quantidade de materiais arqueológicos optou-se pela utilização de quadrículas alfanuméricas, possibilitando assim um maior controle espacial dos contextos arqueológicos. Foram assim implantadas as quadrículas K6, K5, J6 e J5 na plataforma inferior, e as quadrículas K10 e J10, na plataforma superior, a Oeste, tendo cada quadrícula 2x2m. Em 2017, tinha sido iniciada a escavação das quadrículas K9, K8, K7, J9, J8 e J7.

O alargamento da sondagem na plataforma inferior, a Este, teve como objectivo a caracterização do nível identificado [305], bem como a verificação da possibilidade da existência de outra entrada de algar. Verificou-se que nesta área apenas existe a entrada de algar identificada em 2017, encerrada pelos blocos pétreos que constituíam a [305], unidade que cobre directamente o substrato geológico – lapiás – não tendo sido identificada qualquer

tipo de estrutura antrópica preservada. Face a estes resultados, e estando esta unidade caracterizada, considerou-se, por agora, a intervenção terminada nesta plataforma inferior. Este sedimento corresponde assim a um nível de ocupação terminal do sítio arqueológico, directamente sobre o substrato geológico, estando os materiais arqueológicos, nomeadamente a fauna mamalógica, bem preservados, devido a condicionantes pedogénicas.

Relativamente ao algar iniciaram-se os trabalhos de desobstrução espeleológica, não estando ainda concluídos (Figuras 15 e 16).

Na plataforma superior à vertente/talude continuou-se a escavação iniciada em 2017, tendo-se alargado a sondagem mais 8m<sup>2</sup> para Oeste, com o objectivo de definição da [306], identificada no final da campanha de 2017. A escavação desta área superior foi bastante breve, tendo-se apenas escavado as quadrículas K10 e J10 até ao nível da [306]. A estratigrafia identificada é semelhante à restante área, com uma camada superficial [301] que cobre a [304], que por sua vez cobre a [306]. Ao definirmos



Figura 15 – Escavação na plataforma inferior da Sondagem 1 da Área 3.



Figura 16 – Área 3 – sondagem 1 – plataforma inferior visualizando-se a bancada de lapiás.

o topo da [306] verificou-se a existência de um alinhamento de blocos pétreos de pequena e média dimensão, com orientação Norte-Sul, caracterizado como uma possível estrutura – [309].

Assim, no final da campanha de 2018, a Sondagem 1 da Área 3 ficou dada por terminada na plataforma inferior, não se tendo intervencionado no talude e apenas alargado a plataforma superior a Oeste (Figura 17).

#### 6.3.1. Sequência estratigráfica:

As unidades estratigráficas [301], [302], [303], [304], [305], [306] e [307] encontram-se descritas na campanha de 2017, pelo que no presente capítulo apenas se apresentam as UE identificadas em 2018.

[305] – Este depósito foi totalmente escavado nas quadrículas K6, K5, J6 e J5. Cobre a [307] e [308].

[308] – Depósito – sedimento de desagregação do substrato geológico (calcário – em forma de lapiás) caracterizado como *terra rossa*, localizado nos interstícios do lapiás. Sedimento de matriz argilosa e siltosa, de granulometria média, solto e não plástico, com abundantes elementos pétreos calcários de pequena e média dimensão. Surge nas quadrículas J5 e K5, tendo sido recolhido material arqueológico: cerâmica comum, indústria lítica e fauna mamalógica. Foi integralmente escavado.

[309] – Estrutura (?) – Alinhamento de blocos pétreos de média dimensão, com orientação Norte-Sul, localizados ao centro das quadrículas J9, J10, K9 e K10. Não foi escavado, tendo-se apenas iniciado a sua definição.

#### 6.4. Sondagem 1, Área 1

Esta campanha marca o início da limpeza/escavação de uma nova área (Área 1), tendo sido implanta-





Figura 17 – Área 3 – sondagem 1 – plano final na campanha de 2018.

2ª linha de muralha, a Oeste do “Reduto Central” (Figura 18). Nesta campanha, procurou-se avaliar o estado de conservação das estruturas aí existentes, efectuando limpeza e registo das mesmas, com o objectivo de avaliar o grau de impacto das intervenções arqueológicas anteriores e da degradação, por exposição das mesmas.

A Sondagem 1 procura, assim, compreender como se desenvolve um pano de muralha que aqui se localiza (2ª linha), bem como a existência de um possível fosso, que Afonso do Paço já havia referido numa das suas publicações (Paço, 1943) e que no âmbito deste projecto já havia sido discutido (Arnaud *et al.*, 2014). Nesta área, sobre a 2ª linha de muralha, encontra-se depositada uma grande acumulação de sedimento que poderia corresponder ao sedimento original que cobria o sítio arqueológico ou a uma das áreas de crivo e despejo de terras de Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, questão que só a escavação permitia esclarecer.

Os trabalhos nesta sondagem iniciaram-se no dia 9 de Julho de 2018, tendo terminado no dia 25 de Julho, num total de 12 dias úteis. As estruturas identificadas foram, no final da intervenção, cobertas com manta geotêxtil (Figura 19).

#### 6.4.1. Sequência estratigráfica

A sequência estratigráfica identificada na campanha de 2018 é a seguinte:

[101] – Foi considerada [101] a totalidade do sedimento, em “monte” que se encontrava por cima da 2ª linha de muralha [103]. Com cerca de 1m de potência, contém sedimento de matriz arenosa, de cor castanha-acinzentada semi-compacta, intercalada com numerosos blocos de calcário de pequena e média dimensão. Apresenta materiais arqueológicos calcólicos. Os trabalhos na [101] corresponderam a um acerto do talude existente.

[102] – Derrube da 101 – Encostada e a cobrir parte da [103], encontra-se o derrube da [101]. De sedimento arenoso, solto, fino e de cora-



Figura 18 – Área 1 – sondagem 1 – trabalhos na campanha de 2018.

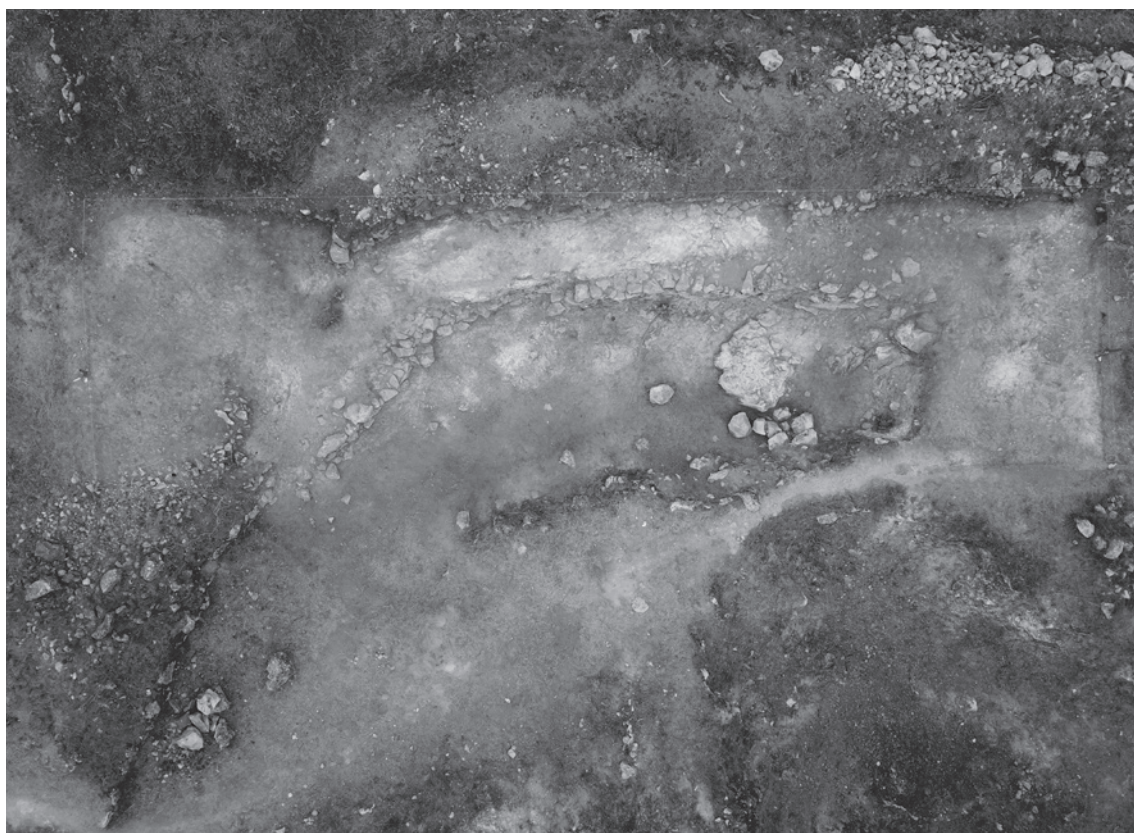


Figura 19 – Área 1 – sondagem 1 – vista do final da campanha de 2018.



ção castanho-acinzentada, é composta por muitos elementos pétreos de calcário de pequena e média dimensão. Contém um número significativo de materiais arqueológicos pré-históricos, onde se destaca a cerâmica face à indústria lítica. O estado de conservação oscila entre o “muito fragmentado” e o “excelente estado de conservação”. Regista uma forte presença de fauna mamalógica. Integra escassos elementos de origem recente, como elementos de plástico, vidro, cartuchos ou cerâmica vidrada.

[103] – Estrutura – Muralha (prolongamento da 2ª linha?) – Estrutura pétreo, que poderá corresponder a uma porção da muralha, neste caso a 2ª. Formada, na face interior, por diversos blocos pétreos de calcário, de média e grande dimensão, de disposição horizontal e paralelos entre

si, ligados por sedimento e possível argamassa. São reconhecidas seis fiadas de blocos. Em algumas zonas, encontra-se muita danificada. Estava parcialmente à vista no início dos trabalhos, aparecendo em levantamentos cartográficos de 1951 e 1953. Assenta sobre a [106] e parece fazer parte da [109]. Na Sondagem 1, apresenta cerca de 12m de comprimento, 90cm de altura e uma espessura reconhecida de c. 1.70cm. Nesta área, o substrato geológico parece ter sido afeiçoado para lhe serem adossados, utilizando argamassa, os blocos pétreos que o revestem. Apesar de ter algumas áreas em mau estado de conservação (pelo facto de estar exposta há mais de 60 anos (presença de raízes entre os blocos pétreos), é uma estrutura passível de ser consolidada, e integrar um projecto de musealização e requalificação do sítio. (Figuras 20 e 21)



Figura 20 – Área 1 – sondagem 1 – estrutura [103], visualizando-se o aparelho construtivo.



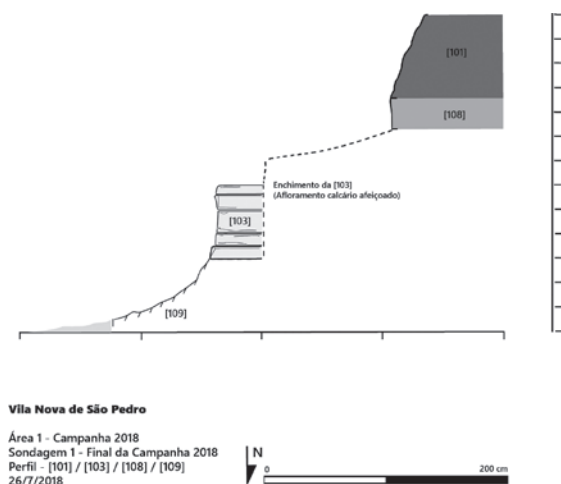


Figura 21 – Área 1 – sondagem 1 – perfil Este-Oeste.

[104] – Depósito – Sedimento areno-argiloso, semi-compacto, de coloração castanho-clara, apresentando numerosos elementos pétreos (calcário) de pequena dimensão, assim como elementos de bioturbação de origem vegetal (raízes). Em certas zonas, cobre directamente a [103] e, noutras, cobre a [108]. Situa-se na área Norte da Sondagem e apresenta uma potência máxima de 15cm. Contém um número elevado de materiais arqueológicos: cerâmica comum lisa e decorada, fragmentos de ídolos de cornos, indústria lítica (núcleos, resto de talhe, pontas de seta, lascas, lamelas), e abundante fauna mamalógica.

Esta UE não foi integralmente escavada. Encosta à [102] e [105] e cobre a [106].

[105] – Sedimento que, no início da intervenção, já se encontrava na base da Sondagem 1. Foi parcialmente removido (devido a pequenas limpezas), encontrando-se ainda por escavar. Parece fazer parte do que ainda resta, nesta zona, do preenchimento da [109], embora possa corresponder a testemunhos recentes pertencentes às escavações de Afonso do Paço.

[106] – Substrato geológico – calcário.

[107] – Equivalente à [104]? – Como foi detectada na área Sul da Sondagem e como, até ver, não tem ligação directa com a [104], foi-lhe atribuída uma U.E. autónoma. Apresenta as mesmas características da [104]. Assenta sobre a [110].

[108] – Camada de argamassa, sob a [104]; com uma potência de cerca de 20cm, esta UE corresponde a um nível de argamassa, depositada sob a [101] e, noutras áreas, sob a [104]. Parece assentar directamente sobre o substrato geológico. Não foi totalmente escavada, estando programada a finalização da sua escavação na próxima campanha. Não revelou qualquer artefacto arqueológico. Foram recolhidas amostras para análise química dos componentes.

[109] – Estrutura negativa – “Fosso” – Grande estrutura escavada no calcário e que, embora ainda não se conhecendo os seus limites, deverá estar presente na maioria do espaço da Sondagem 1. Dentro da Sondagem, os seus limites Oeste e Sul encontram-se limitados pela Muralha, a [103]. Esta realidade terá sido já escavada nas intervenções dirigidas por Afonso do Paço, excepto na área Norte da Sondagem. Quando se iniciou a escavação da Sondagem 1, esta realidade estaria preenchida pela [102], [108] e, possivelmente, [105]. Por agora, a atribuição da sua funcionalidade é ainda discutível. No entanto, a existência de uma realidade estruturada [103], com o aparelho pétreo a limitar a estrutura negativa [109], remete para uma ocupação em que a [109] ficasse, possivelmente, à vista. Desconhece-se se foi preenchido durante a ocupação Calcolítica de VNSP, ou se este preenchimento ocorreu após o seu abandono.

[110] – Equivalente à [108]? – Tal como se verificou com a [107], a [110] como foi detectada na área Sul da Sondagem e como, até ver, não tem ligação directa com a [108], foi-lhe atribuída uma U.E. autónoma. Apresenta as mesmas características da [108].

## **7. VN3000 – ESTRUTURAS, MATERIAIS E CRONOLOGIA (CAMPANHAS 2017 E 2018)**

Os resultados obtidos e as interpretações, agora produzidas, estão ainda longe de serem conclusivas, uma vez que as duas sondagens ainda não foram terminadas, ficando a sua interpretação estratigráfica por esclarecer na totalidade. Podem, no entanto, face aos contextos arqueológicos intervencionados e à cultura material associada, ser tecidas algumas considerações.

A Sondagem 1, Área 1, foi iniciada apenas em 2018, estando diversas unidades estratigráficas em fase de escavação, facto que impossibilita uma visão mais abrangente e definitiva do universo artefactual recolhido. Por outro lado, o facto de se estar perante unidades que poderão ser de formação antrópica recente (contemporâneas das escavações de Afonso do Paço), obriga a algumas cautelas na avaliação dos elementos artefactuais identificados, bem como a sua relação com o contexto onde foram recolhidos. Na sua maioria, os materiais arqueológicos identificados foram recolhidos nas UE [101], [102] e [104].

Na cerâmica, elemento mais presente no conjunto, destacam-se os recipientes de produção manual, de forma aberta (maioritariamente taças e pratos) e sem decoração. Os poucos elementos decorados, remetem para o “mundo Campaniforme” (nas U.E. [101], [102] e [104]), embora também se verifiquem fragmentos decorados a incisão ou com caneluras, paralelas ao bordo. Ainda na cerâmica, verifica-se a presença significativa de fragmentos de “ídolos de cornos”, só na [104], assim como de pesos de tear. A presença de nódulos de argila é frequente e transversal a todos os níveis intervencionados.

Na indústria lítica, a pedra lascada é o conjunto mais significativo, maioritariamente em sílex (com raras excepções em quartzo hialino e quartzito). Neste particular, destaca-se a presença de restos de talhe e alguns núcleos que produziram, essencialmente, lamelas, estas presentes no registo. No campo da utensilagem, estão presentes as pontas de seta, lâminas retocadas e lâmina ovoide. Surgem alguns elementos de pedra afeiçãoada e polida,

geralmente em quartzito e anfibolito. Destaca-se a presença de percutores ou de fragmentos incaracterísticos, possíveis elementos de mó, devido ao seu elevado grau de fragmentação.

Surgem ainda abundantes fragmentos de fauna mamalógica e alguma fauna malacológica.

Relativamente às estruturas registadas destaca-se a definição do método construtivo do que poderá ser a face interna da segunda linha de muralha, através do afeiçãoamento do substrato geológico para preparação de superfície vertical onde foi adossado o muro, formado por fiadas regulares de elementos pétreos unidos por um tipo de argamassa ainda não caracterizado. Este afeiçãoamento e desbaste do substrato geológico, bastante brando nesta área, estará também relacionado com o próprio fosso que se encontra nesta área, entre 2ª linha de muralha e o reduto central. A definição do limite e morfologia desta estrutura negativa encontra-se condicionada pela banquetta deixada pelas escavações de A. Paço, bem como pelos sedimentos que se foram acumulando ao longo de várias décadas após a intervenção, nomeadamente na área mais a Norte, local onde A. Paço caracterizou um “ritual de fundação” do povoado. Este investigador refere mesmo a existência de um “fosso” com 2,60m na área mais profunda, onde observou uma sequência estratigráfica constituída por deposições de argamassas, barro compacto amassado, fauna mamalógica – destacando-se o crânio de um grande bovídeo e um recipiente cerâmico de grandes dimensões que continha fragmentos de fauna no interior, coberto por deposições de elementos pétreos e outros materiais arqueológicos (Paço, 1942).

A configuração e relação deste fosso com a segunda linha de muralha, bem como a definição da face externa desta, apenas serão esclarecidas com a continuação dos trabalhos arqueológicos neste sector.

Na Área 3, a sondagem iniciada em 2017 também não se encontra na totalidade concluída, tendo-se, no entanto, dado por terminada a escavação na plataforma inferior. Como foi referido, a implantação desta sondagem neste local específico

tinha como objectivo procurar identificar contextos arqueológicos e estruturas na vertente Nordeste, possivelmente conectadas com uma segunda linha de muralha. A escavação do talude e da plataforma superior ainda não está terminada, sendo perceptível que se trata de uma estrutura de nivelamento e criação de plataforma artificial, sobre a qual estarão depositados e nivelados sedimentos recentes.

A escavação da plataforma inferior revelou um nível arqueológico bem definido do ponto de vista sedimentar e que corresponde às fases de ocupação terminal do sítio arqueológico, formado principalmente por uma única UE [305], caracterizada por um sedimento muito orgânico, sobreposto directamente à bancada de lapiás. Este horizonte pedológico de reduzida potência apresenta bio-turbação (raízes) e a própria geologia faz com que os materiais arqueológicos fiquem depositados (e preservados) nas fissuras do substrato. Não foram caracterizadas estruturas antrópicas, existindo no entanto abundante material arqueológico: cerâmica manual lisa (formas abertas e fechadas, taças, pratos de bordo espessado) (Figuras 22, 23, 24 e 25), cerâmica manual decorada (decoração “cru-cífera” e campaniforme) (Figura 26), indústria lítica maioritariamente em sílex (além de restos de talhe, lamelas e lascas, destacam-se os utensílios retoca-

dos como as pontas de seta, foliáceos e furadores) (Figura 27), fragmentos de ídolos de cornos, vários fragmentos de placas/pesos de tear e fragmentos de queijeiras (Figura 28).

Surgem abundantes fragmentos de fauna mamalógica e alguma fauna malacológica em excelente estado de conservação. A análise preliminar efectuada por Cleia Detry à fauna mamalógica permitiu a identificação de *bos sp*, cabra, veado, coelho (abundante), lince e castor.

O algar identificado encontrava-se coberto pela [305], visualizando-se no interior deste, sedimento, que terá sido aí depositado num momento anterior ou contemporâneo da colmatação da entrada por elementos pétreos solidamente fincados nesta abertura. Nesta camada, que cobre o substrato geológico e a entrada do algar foram recolhidos fragmentos de cerâmica campaniforme. Durante os trabalhos de desobstrução espeleológica já realizados não foram identificados materiais arqueológicos, estando os trabalhos ainda em fase de execução.

Desta unidade foram efectuadas três datações por C14, sobre fauna mamalógica (*Cervus elaphus*, *Sus sp.* e *Bos sp.*), cujos resultados permitem situar este nível nos meados/3º quartel do 3º milénio incorporando algum material também, do 2º quartel do 2º milénio cal BC. (Figura 29).

<b>Datações absolutas – Vila Nova de São Pedro – Sondagem 1 (Área 3)</b>								
Sítio	Contexto	Ref. Lab.	Amostra	Data BP	δ13C (‰)	δ15N (‰)	2 σ cal BC (95,4%)	Bibliografia
<b>Vila Nova de S. Pedro</b>	[305]	Beta - 512586	<i>Cervus ela.</i>	3900±30	-20,00	3,7	2470-2297	<i>Este trabalho</i>
<b>Vila Nova de S. Pedro</b>	[305]	Beta - 512587	<i>Sus sp.</i>	3390±30	-22,2	5,3	1751-1619	<i>Este trabalho</i>
<b>Vila Nova de S. Pedro</b>	[305]	Beta - 512588	<i>Bos sp.</i>	4000±30	-21,3	5,3	2577-2468	<i>Este trabalho</i>

Tabela 1 – Datações absolutas – Vila Nova de São Pedro – VN3P3000.

Estas três datações correspondem assim às primeiras datações publicadas, de um contexto arqueológico de VN3P, provenientes de uma intervenção autorizada pela DGPC e realizadas no âmbito de um projecto de investigação. Outras datações foram

apresentadas publicamente (e.g. UISPP 2014), porém não se encontram publicadas.

Na realidade, Vila Nova de São Pedro foi um quase protagonista na história das datações radiométricas em Portugal, tendo Afonso do Paço, em 1953,



enviado amostras de ossos para Harvard, laboratório pioneiro no ainda recente método. Porém, outros sítios foram preferidos, as amostras de VNSP foram devolvidas, tendo sido trazidas por Humberto Delgado (em 1956 ou 1957), na altura adido militar junto da Embaixada de Portugal, em Washington (Paço, 1957).

66 anos depois desta primeira tentativa, são agora publicadas as três datas que corroboram os materiais arqueológicos identificados neste nível de ocupação terminal do sítio arqueológico – Calcolítico pleno/final, onde foram identificadas cerâmicas campaniformes. A data mais recente (Beta-512587), enquadrável no Bronze Pleno, insere-se igualmente na já conhecida ocupação deste período, ocupação esta esporádica e não permanente do povoado, atendendo aos vestígios escassos desta cronologia.

A presença de fauna intrusiva (Bronze Final), numa unidade estratigráfica esmagadoramente constituída por elementos artefactuais do Calcolítico pleno/final revela que também aqui o complexo processo de formação destes depósitos sedimentares que se definem, macroscopicamente e em terreno, como *unidades estratigráficas* coerentes, são constituídos por materiais – sedimentos, artefactos, ecofactos – integrados em diferentes momentos, na sequência estratigráfica dos sítios.

## **8. PROBLEMÁTICAS EM ABERTO E TRABALHOS FUTUROS**

Estas duas primeiras campanhas do projecto VNSP3000 mostraram que são inúmeros os desafios que um sítio como Vila Nova de São Pedro suscita. Várias décadas de escavação intensiva e outras tantas de abandono científico no terreno, levam a que, exceptuando alguns trabalhos de síntese (Arnaud, 2005; Arnaud e Gonçalves, 1990; 1995), a informação esteja demasiado fragmentada e dispersa (nomeadamente em trabalhos de âmbito académico sobre problemáticas específicas), fazendo com que o puzzle tenha ainda muitas peças soltas. Além da abordagem a um povoado calcolítico, é imperativo e obrigatório ter-se presente a intervenção contem-

porânea, fazendo, tal como em qualquer escavação arqueológica, a remoção da primeira camada, que neste caso é a longa intervenção de Eugénio Jalhay, Afonso do Paço e colaboradores. Identificar o que foi feito e refeito, à luz de conhecimento actual e com recurso a diversos indícios, leva a que este projecto seja transdisciplinar entre ciências e entre períodos históricos.

Permitir a compreensão e fruição do sítio arqueológico a todos os que o queiram conhecer é um dos objectivos do projecto, tendo sido dados os primeiros passos com a limpeza e desmatação da área. Esta acção tem também uma função de protecção e preservação das estruturas arqueológicas, numa fase em que se iniciam os estudos para futuros trabalhos de conservação e restauro.

A persecução dos trabalhos arqueológicos, nomeadamente com a continuação das sondagens já iniciadas, permitirá responder a questões concretas, como a arquitectura do povoado, métodos construtivos, fases de ocupação e configurações contemporâneas.

## **9. APOIO INSTITUCIONAL DO PROJECTO VNSP 3000 E AGRADECIMENTOS**

Este projecto, não financiado pela DGPC, é, no entanto, possível graças ao apoio de várias instituições e pessoas:

- Associação dos Arqueólogos Portugueses – entidade privada promotora deste projecto, desde a primeira campanha de Afonso do Paço – presidente da Secção de Pré-História – em 1937, apoiando do ponto de vista financeiro e logístico os trabalhos de campo e de gabinete, sendo também a fiel depositária dos materiais arqueológicos;
- UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pelos recursos humanos, apoio logístico e financeiro (datações absolutas obtidas em 2019 e participação em congressos internacionais);
- União das Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa pelo apoio

logístico e financeiro nas campanhas de campo e nas acções de Arqueologia Pública, destacando, o seu actual presidente – José Avelino – pelo apoio incondicional e amigo;

- Câmara Municipal da Azambuja pelo apoio logístico e administrativo nas campanhas de campo, bem como na disponibilização de transporte para visita de estudo de estudantes da FLUL, a VNSP, através do seu Presidente Luís Manuel Sousa, vereador António José Matos e historiador Nuno Nobre;
- Equipa de Sapadores Bombeiros da Azambuja, cuja presença na campanha de 2018 foi fundamental para a definição das estruturas existentes e limpeza do sítio;
- Centro de Dia de Manique do Intendente;
- Cleia Detry, pela identificação taxonómica e primeiro inventário da fauna recolhida;
- Patrícia Jordão, pelo apoio na caracterização geológica de VNSP;
- À família Furtado, proprietários do terreno;
- Aos habitantes de Vila Nova de São Pedro, pela generosa partilha das suas memórias e por não duvidarem da importância imensa dos trabalhos arqueológicos;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, José Morais (2005) – Vila Nova de São Pedro revisada. In: Arnaud, J.M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.141-164.

ARNAUD, José Morais e GONÇALVES, João Ludgero (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1a parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1. Lisboa, p.25-48.

ARNAUD, José Morais e GONÇALVES, João Ludgero (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2a parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2. Lisboa, p.11-40.

ARNAUD, José Morais; DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea (2017) – Vila Nova de São Pedro, de novo no 3º milénio – Um projecto para o futuro, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 66-67, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 7-17

BARBOSA, B. (1995) – *Alostratigrafia e Litostratigrafia das Unidades Continentais da Bacia Terciária do Tejo. Relações com o eustatismo e a tectónica* (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa.

CABRAL, M.C., LORD, A.R., DAMBECK, R., KUNST, Michael (2016) – Ostracod evidence for the Neolithic environment of Rio Sizandro, Portugal: Part 2. *Palaeobio Palaeoenv* 96: 541. <https://doi.org/10.1007/s12549-016-0240-5>

DAVEAU, Suzanne (1980) – Espaço e tempo: Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*. Lisboa. 2, p.28-35.

DINIZ, Mariana; MARTINS, Andrea; NEVES, César; ARNAUD, José Morais (2017) – Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio calcolítico no ocidente peninsular – contributos para um debate. Arnaud, J. e Martins, A. (Coord.) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão – Textos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp.591-604

GONÇALVES, Victor Santos (1987) – Trabalhos de campo. Distrito de Lisboa – Azambuja: Castelo de Vila Nova de São Pedro: 1985/86. *Informação Arqueológica*, Ministério da Cultura. Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia, nº8, p.41-43.

GONÇALVES, Victor Santos (1993) – O castelo de Vila Nova de S. Pedro. In GONÇALVES, V. (ed.) *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p.230-232.

GONÇALVES, Victor Santos (1994) – O castelo de Vila Nova de S. Pedro. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa, p.49-51.

HARRIS, Edward C. (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona.

JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso (1945) – El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia, Etnografia y Prehistoria*. 20. Madrid.

OLIVEIRA, Humberto Nuno; FERREIRA, Octávio da Veiga (1990) – Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro. *Revista de Arqueologia – Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 1, p.49-58.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugénio (1942) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3a, 4a e 5a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. *Broetéria*, Vol. 34 – Junho, p. 635-663.

PAÇO, Afonso (1942) – Uma vasilha de barro de grandes dimensões do “castro” de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português: Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (II Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, p.132-143.



PAÇO, Afonso (1943) – A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro – Notas sobre a 6ª Campanha – 1942, *Brotéria*, Vol. XXXVII, fasc. 1, Julho 1943, 27p.

PAÇO, Afonso; ARTHUR, Maria Lourdes Costa (1952) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. I – 15ª campanha de escavações (1951). *Brotéria*, Vol. 54(3) – Março, Lisboa. p. 6-25

PAÇO, Afonso (1954) – Castro de Vila de S. Pedro: VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1959 (n.º 7 a n.º 14). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 3, p. 31-80.

PAÇO, Afonso (1957) – Castro de Vila Nova de S. Pedro IX: Forno de Cozer Cerâmica. Sep. de *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67.

SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.133-148.

STEVENSON, T., & PASSMORE, D. G. (2007). Estuarine–fluvial floodplain formation in the Holocene Lower Tagus valley (Central Portugal) and implications for Quaternary fluvial system evolution. *Quaternary Science Reviews*, 26, 2937–2957.

ZBYSZEWSKI, Georges (1953) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000 – Notícia explicativa da Folha 31-A Santarém*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 16p.

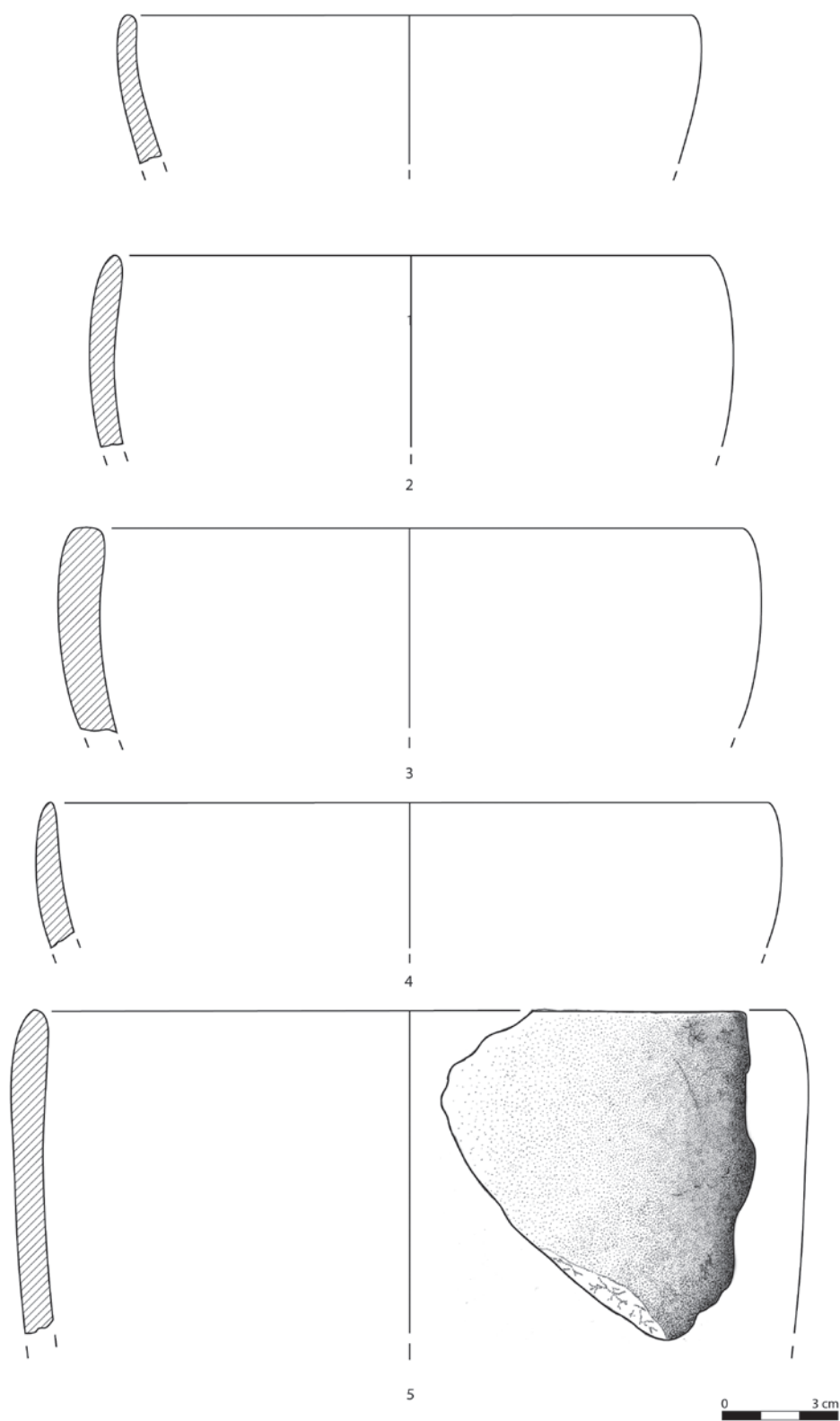


Figura 22 – VNSP. [305]. Cerâmica. Recipiente lisos. 1 a 5 – Taças.



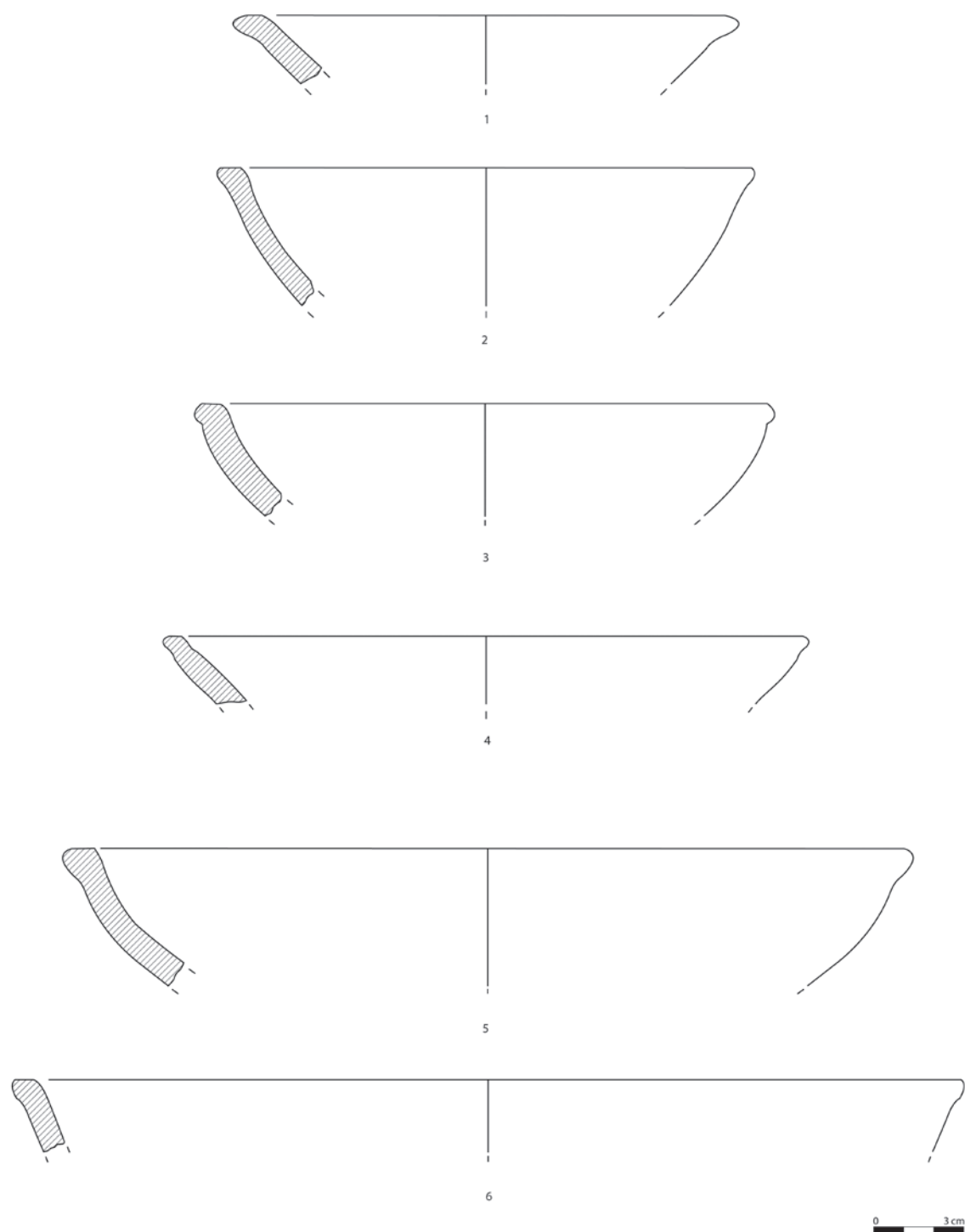


Figura 23 – VNSP, [305]. Cerâmica. Recipientes lisos. 1 a 6 – Taças.

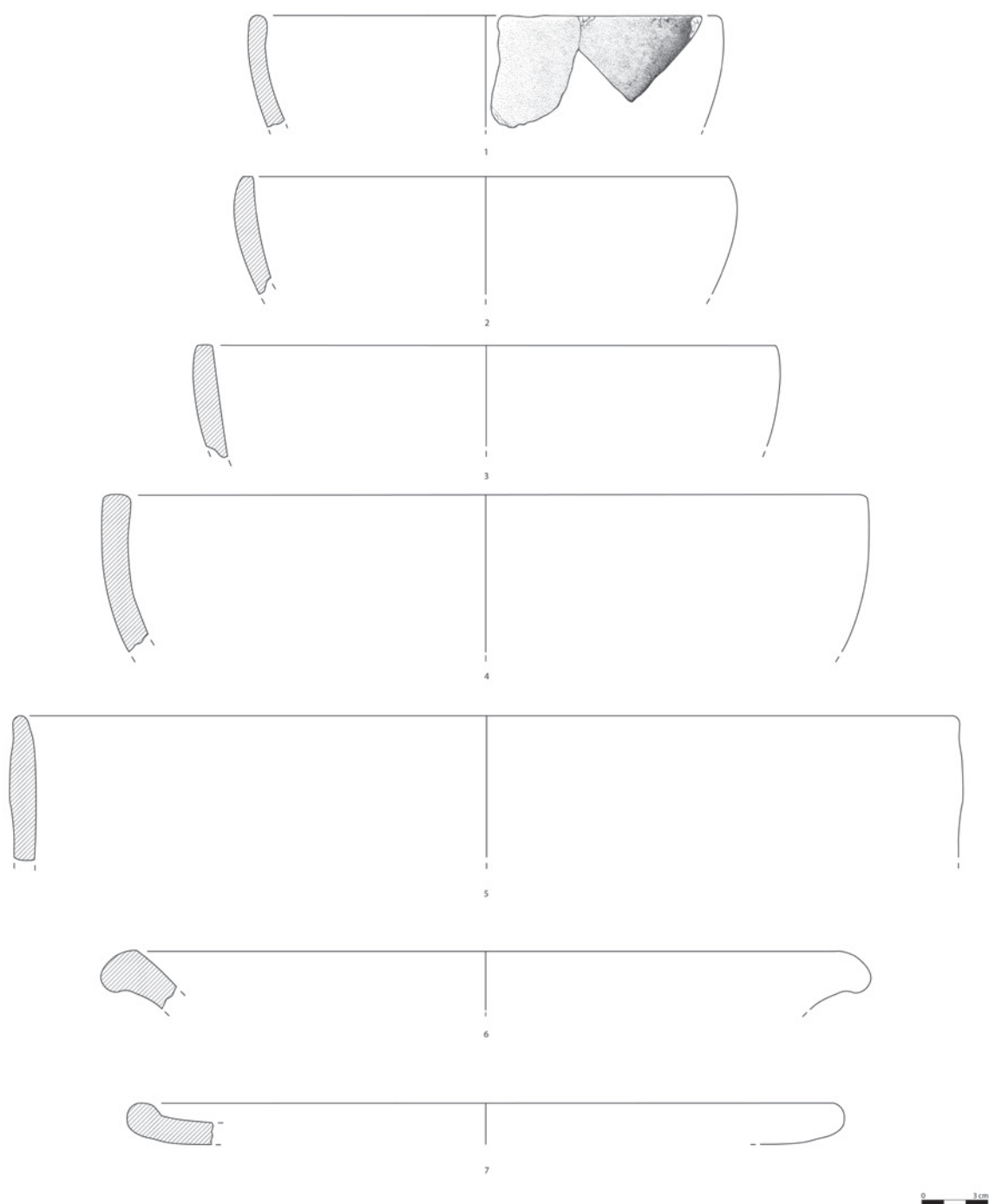


Figura 24 – VNSP. [305]. Cerâmica. 1 a 5 – Taças; 6 – Paredes rectas; 7 e 8 – Pratos.



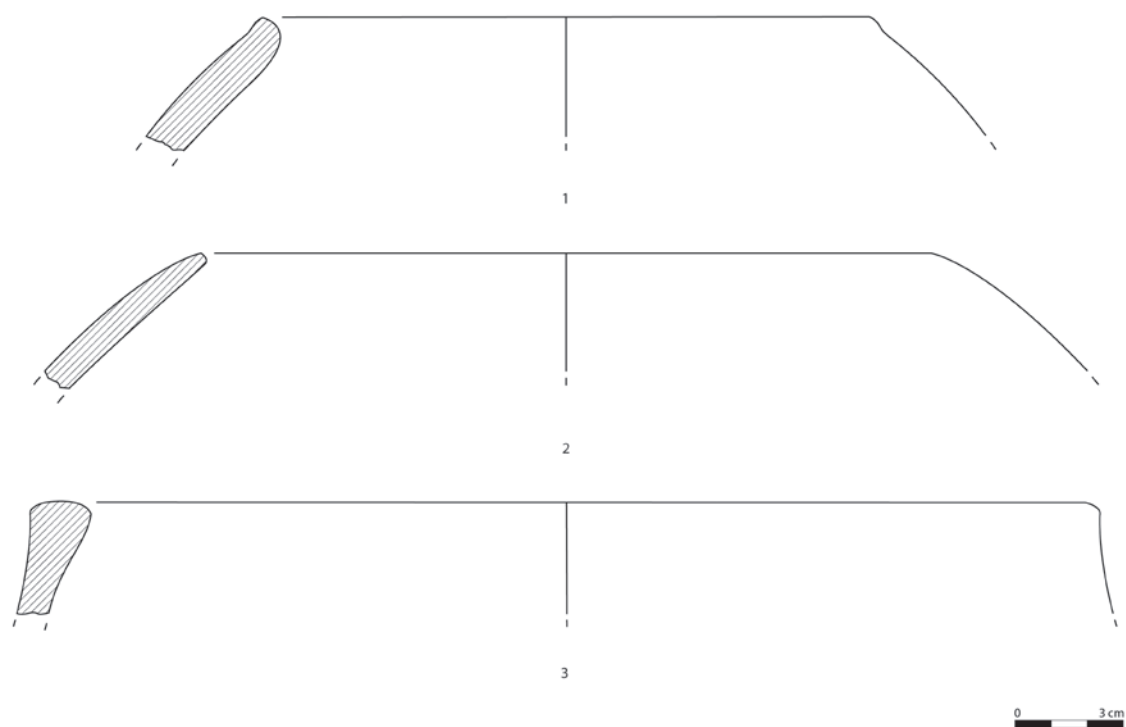


Figura 25 – VNSP. [305]. Cerâmica. Recipientes lisos. Formas fechadas.

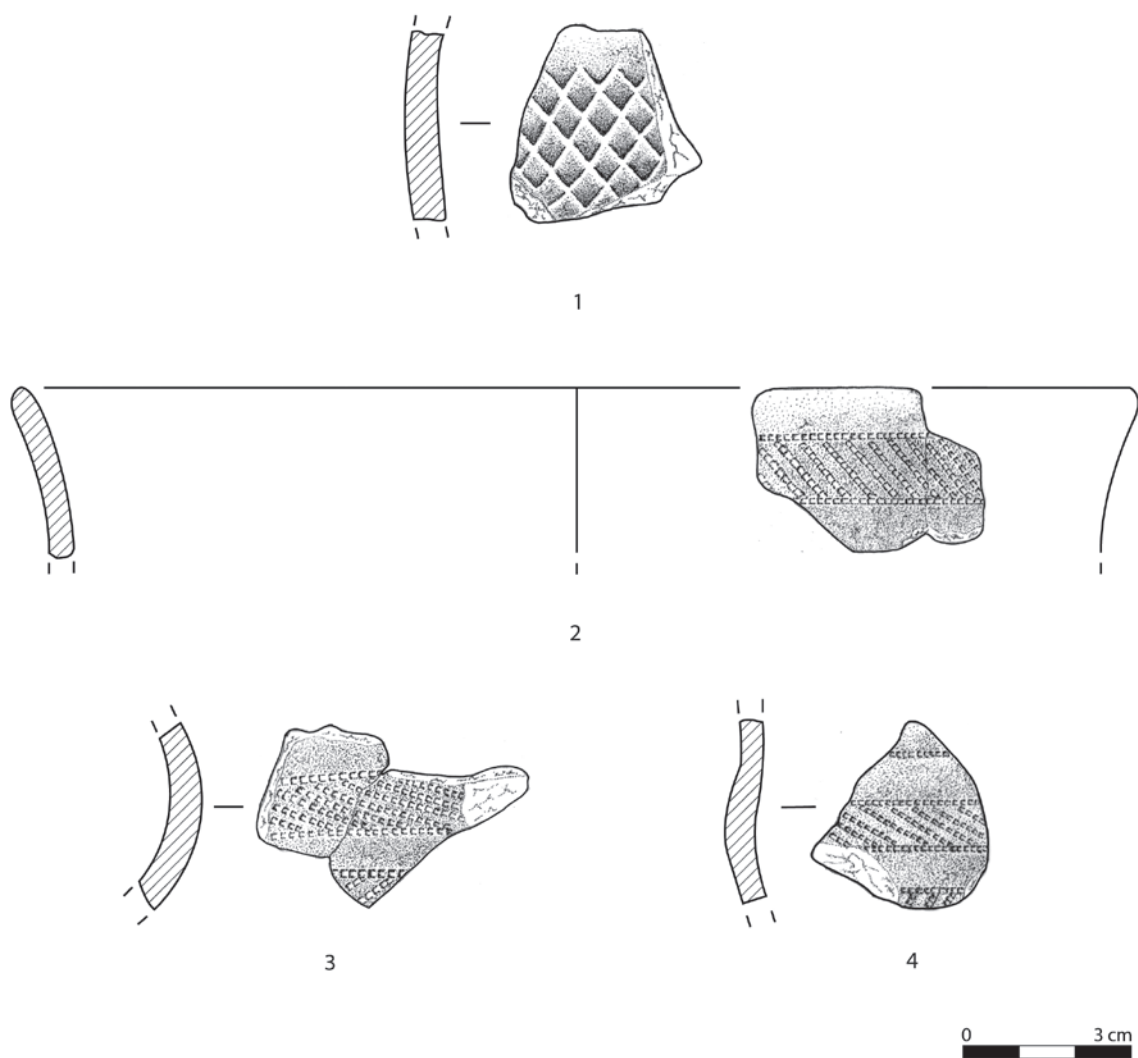


Figura 26 – VNSP. [305]. Cerâmica. Recipientes decorados. 1 – “Crucífera”; 2 a 4 – Campaniforme.



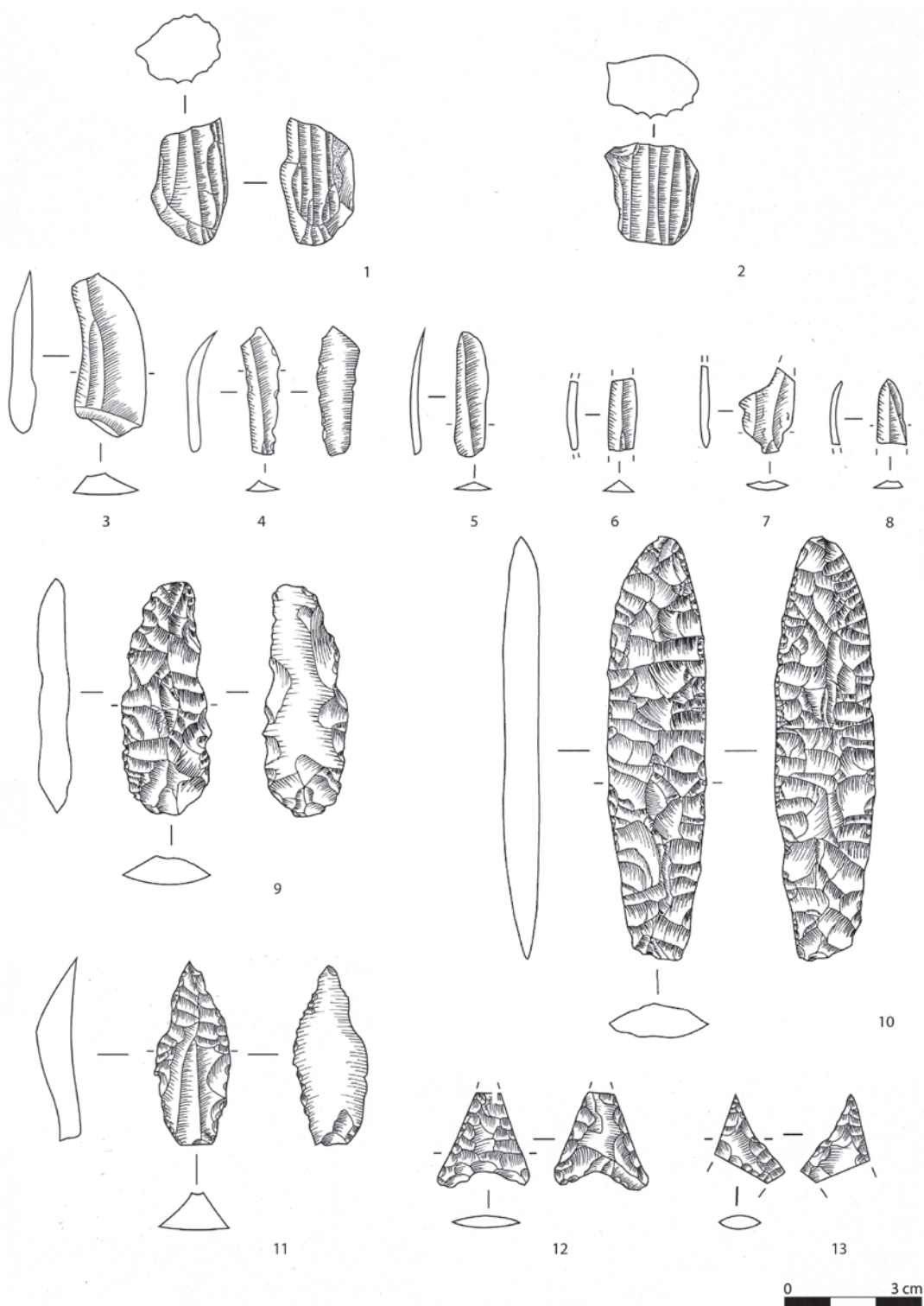


Figura 27 – VNSP. [305]. Pedra lascada. 1 e 2 – Núcleos; 3 a 8 – Lamelas; 9 e 10 – Foliáceos (lâmina ovoide); 11 – Furador; 12 e 13 – Pontas de seta.

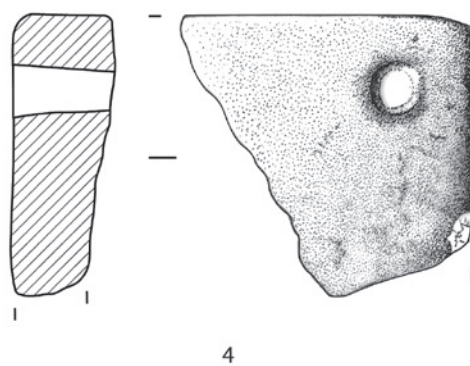
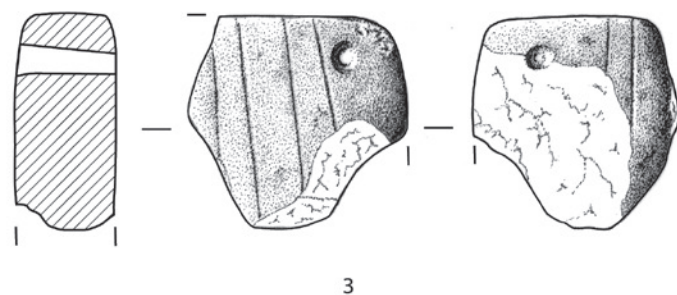
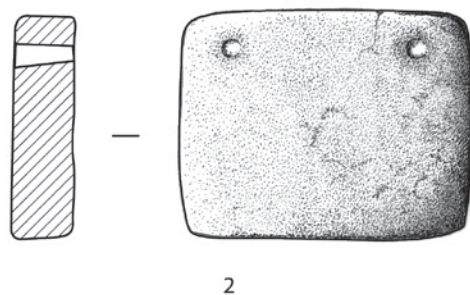
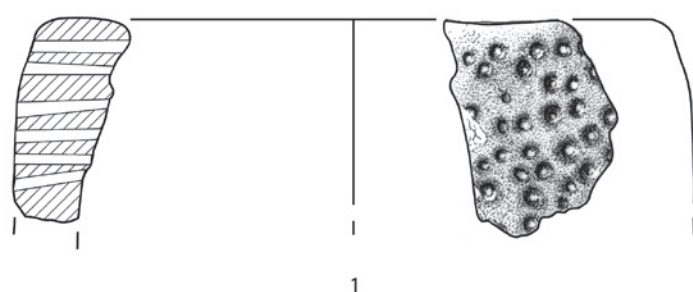


Figura 28 – VNSP. [305]. Cerâmica. 1 – Queijeira; 2 e 4 – Placa de tear; 3 – Placa de tear com decoração incisa.

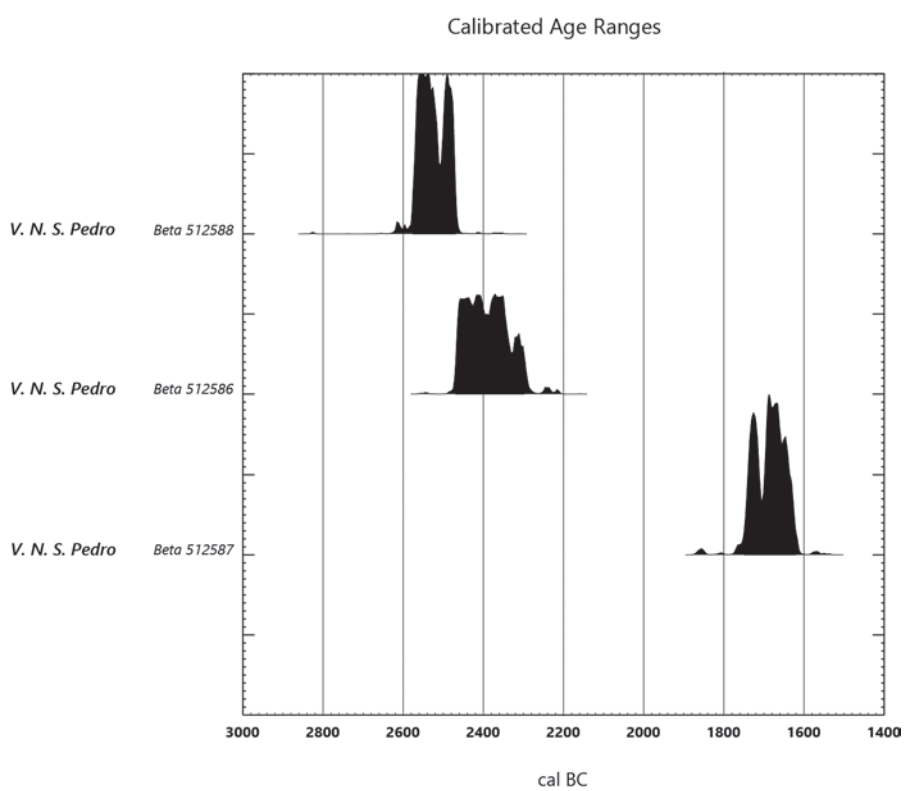


Figura 29 – Representação gráfica dos intervalos de tempo – Datações absolutas de Vila Nova de São Pedro. Foram utilizadas as curvas IntCal 13 e o Marine 13 (Reimer *et al.* 2013), e o programa CALIB VER 7.0.2.



